
Artigo de Revisão

O SUJEITO DA/EM COMUNICAÇÃO: UMA LEITURA FUNDAMENTADA PELA ANÁLISE DO DISCURSO

Anna Júlia Carlos da Silva¹

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil

RESUMO

Este artigo investiga quem é o sujeito da/em comunicação a partir de uma leitura fundamentada na Análise do Discurso. O objetivo é discutir o conceito de sujeito e sua articulação com a área da Comunicação, aproximando-o das teorias da linguagem, da enunciação e do interacionismo simbólico. Trata-se de uma pesquisa teórica, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica, que evidencia o sujeito como uma construção discursiva, histórica e ideológica, constituída nas relações simbólicas e nos processos de produção de sentidos. Conclui-se que a interlocução entre a Análise do Discurso e a Teoria da Comunicação amplia a compreensão do sujeito da/em comunicação e oferece elementos teórico-conceituais para pesquisas interessadas nos processos comunicacionais.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação. Sujeito. Análise do Discurso. Teoria da enunciação. Interacionismo simbólico.

1 INTRODUÇÃO

Ainda que a noção de “sujeito” seja frequentemente referida em diversos trabalhos científicos na área da Comunicação, esse denso verbete nem sempre recebe a minúcia que sugere quando concebido como conceito. Sobretudo quando apreendido como um termo do discurso, tal vocábulo adquire a complexidade que o

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). anna.silva@acad.ufsm.br <https://lattes.cnpq.br/1498412865883588>

caracteriza como um importante articulador para a operação analítica de pesquisas. Logo, esmiuçar os sentidos relativos a essa noção-conceito corresponde a uma forma de contribuir para a sua melhor compreensão e, conseqüentemente, com o seu melhor emprego em produções científicas.

São diversos os prismas que sugerem formas de realizar essa investigação aprofundada. Neste artigo, opta-se por captar a perspectiva da Análise do Discurso (AD), campo teórico e metodológico que integra as áreas da Comunicação e da Linguística. Além de alargar a noção de “sujeito”, busca-se, de antemão, conduzi-la a uma provocação específica, que alude à seguinte problematização: quem é o sujeito da/em comunicação segundo uma leitura da AD?

A fundamentação deste trabalho ocorre a partir da exposição e descrição do verbete “sujeito”, minuciosamente glosado por Luciene Jung de Campos e Raquel Alquatti (2020), referenciadas no decorrer do texto. Em suas produções, as autoras valem-se dos aportes pecheutianos e althusserianos para centralizar a concepção discursiva. Na articulação dos panoramas de, sobretudo, Milton José Pinto (2002) e Vera França (2006), propõe-se uma aproximação do vocábulo a perspectivas voltadas à teoria da enunciação e do interacionismo simbólico. Logo, o artigo desenvolve-se como um itinerário que parte de panoramas estreitos da Linguística para alcançar os rentes à Comunicação – seguindo, justamente, o interesse da AD, que une ambos os campos.

Justificada como um material precedente a outra modalidade de produção acadêmico-científica, esta pesquisa opera como uma fundamentação liminar. A correlata investigação subsequente relaciona-se a este artigo, principalmente, ao eleger o verbete “sujeito” como um de seus conceitos centrais. Ainda, aproxima-se deste artigo ao evocar com prioridade pesquisadores que serão – ainda que

brevemente – referidos no decorrer deste estudo – a saber: Michel Pêcheux e Louis Althusser.

A pesquisa anunciada pretende estabelecer como objeto os discursos oriundos de jornalistas que virão a ser entrevistados a posteriori, ao passo que o interesse da investigação recai sobre o “sujeito jornalista” – paralelamente, o “sujeito da comunicação” – e o seu dizer. A proposta, que está em fase de aprimoramento, levanta a hipótese inicial de que o sujeito jornalista integra discursos que interferem na não identificação do brasileiro com a própria identidade latino-americana. Conhecidamente, tal temática abrange enlaces, sobretudo, históricos. Portanto, torna-se ainda mais fértil ao mirar a noção-conceito mencionada, afinal, para a AD, o sujeito é “resultado da relação com a linguagem e a história” (Glossário De Termos Do Discurso, 2001, p. 22 *apud* Campos e Alquatti, 2020, p. 281).

À vista do exposto, considera-se este artigo como contributivo para a construção da pesquisa mencionada, bem como produtivo para qualquer investigação que verse sobre temáticas semelhantes. Isso posto, passa-se ao desenvolvimento deste material, que realiza um percurso sobre a noção-conceito de “sujeito” e as suas relações com a área da Comunicação segundo uma leitura da AD. Apresentam-se, a seguir, as seções que organizam o estudo: “O conceito de sujeito” (2), “Uma possível aproximação à Teoria da Enunciação” (3), “O sujeito da/em Comunicação” (4) e “Conclusão” (5).

2 O CONCEITO DE SUJEITO

Baseando-se nas contribuições pecheutianas, Campos e Alquatti (2020) descrevem a noção de sujeito como uma re-teorização decorrente da teoria do materialismo histórico, da psicanálise e da linguística. Desse modo, considera-se

Submissão: 17/07/2026

Aceite: 15/09/2026

Editora responsável pela avaliação: Beatriz Amália Albarello

Editora de Leitura: Beatriz Amália Albarello

Copyright © 2026 Silva. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição, que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o artigo original seja devidamente citado.

que, “nesse aporte teórico, o sujeito é o sujeito do inconsciente, estruturado na língua e, assim, interpelado pela ideologia através das práticas discursivas” (Campos e Alquatti, 2020, p. 281). Logo, pode-se inferir que, para compreender o conceito de sujeito, é preciso considerar a fluente interação entre as teorias mencionadas.

A formulação do termo, segundo as autoras, não figura como um ponto de partida para a AD, mas como consequência da Teoria do Discurso. Assim, elas explicitam uma ideia que aparece com frequência em estudos análogos sobre a noção de sujeito: diferente do que comumente se acredita, o homem não figura como a origem do sentido. Baseando-se em Pêcheux ([1975] 1990), as autoras argumentam, portanto, que o primeiro movimento é, em verdade, materialista, ao passo que apresenta o sentido junto às condições de produção materiais. Ainda, conectam o pensamento de Althusser (1985) que, considerando implicações inconscientes, defende que a realização material dos sujeitos ocorre diante da pressão e predeterminação ideológica, bem como dos rituais de crescimento e educação.

Isso posto, Campos e Alquatti (2020, p. 282) sintetizam que “o sujeito é, sobretudo, um efeito ideológico na linha do trabalho epistemológico de Althusser e sua teoria da ideologia constituída na aproximação teórica com o estatuto do inconsciente freudiano”. A partir disso, percebe-se o diálogo direto entre essa perspectiva e o aporte pecheutiano, afinal, a Teoria do Discurso, segundo as autoras, compreende a aproximação entre o sujeito dividido da psicanálise e o sujeito da história, assujeitado² pela ideologia.

² Segundo Alquatti (2020, p. 34), o mecanismo de assujeitamento remete “ao processo pelo qual cada ser humano é interpelado, isto é, chamado à existência por uma estrutura ideológica que fornece a garantia de realidade aos sujeitos que, por sua vez, passam a ‘trabalhar sozinhos’ na manutenção e reprodução dessa estrutura”.

Esses argumentos ressaltam a constatação do distanciamento do homem da origem do sentido, afinal, como reforçam Campos e Alquatti (2020), nessa perspectiva, o “eu” perceptivo/enunciativo corresponde apenas a uma parte mínima de um complexo sistema psíquico, atingido por efeitos diversos. Por conseguinte, “trata-se da compreensão radical de que o eu sou não contém propriamente nenhum elemento, só faz sentido enquanto efeito de linguagem na prática ritual material de reconhecimento ideológico na vida cotidiana” (Campos e Alquatti, 2020, p. 283). E é ao tomar os efeitos ideológicos e de linguagem que atravessam o “eu” que a AD opera, correspondendo, segundo as autoras, à proposta de um mecanismo de conhecimento e, quiçá, transformação dos processos de dissimulação – ocultação – que constituem o sujeito.

Tais noções constroem o que Pêcheux ([1975], 2014, p. 123 *apud* Campos e Alquatti, 2020, p. 284) denomina como o esboço de uma “teoria não-subjetivista da subjetividade”. Pode-se induzir que isso corresponde à tentativa de apreender a subjetividade a partir de uma ideia que não centraliza necessariamente o sujeito individual. Campos e Alquatti (2020) descrevem que, fruto dessa teoria, surge a noção de que, no campo discursivo, a existência do sujeito diz respeito, mais precisamente, a uma posição.

Atravessando a ideia de reconhecimento ideológico, as pesquisadoras, ainda em referência a Pêcheux ([1975] 2014, p. 150 *apud* Campos e Alquatti, 2020, p. 284), citam: “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)”. Diante disso, é possível inferir que o sujeito é sujeito ao

ser posicionado de determinada forma diante de uma formação discursiva³ e, somado a isso, ao se identificar e ser identificado em tal posição.

3 UMA POSSÍVEL APROXIMAÇÃO À TEORIA DA ENUNCIÇÃO

Tomando o aporte psicanalítico, Campos e Alquatti (2020) destacam o empenho do ensino lacaniano no desmonte teórico contínuo e absoluto do sujeito, esforço que considera a importância de apreender a existência de aspectos impressos ao “eu” que transcendem a realidade individual. Com uma perspectiva semelhante, Pinto (2002) afronta o postulado da “unicidade do sujeito”, suposição tomada como óbvia em um senso comum. Baseando-se em Althusser (1984, p. 42), Pinto (2002, p. 30) transcreve: “como toda obviedade, incluindo aquelas que fazem uma palavra ‘nomear um objeto’ ou ‘ter um significado’ [...] a obviedade de que você e eu somos sujeitos – e de que isso não é problemático – é um efeito ideológico, o efeito ideológico elementar”.

Considerando tais efeitos que revestem o “eu”, Pinto (2002) defende que o sujeito não é unicamente nem inteiramente responsável pelas representações que acredita fazer nos textos – discursos – que produz. Em vista de uma melhor compreensão, é possível amparar-se no entendimento primordial de que, “para a análise de discursos, todo texto é híbrido ou heterogêneo quanto à sua enunciação, no sentido de que ele é sempre um tecido de ‘vozes’ ou citações, cuja autoria fica marcada ou não, vindas de outros textos preexistentes, contemporâneos ou do passado” (Pinto, 2002, p. 31).

³ Segundo Pruinelli (2020), as Formações Discursivas tratam-se do espaço no qual os sujeitos manifestam o seu posicionamento – a sua posição –, por meio de suas identificações à determinadas Formações Ideológicas. Já essas últimas são definidas pela autora como uma série de dizeres, rituais, práticas e representações que instauram posições de classe.

Para contemplar brevemente o sentido de “enunciação” introduzido aqui, recorre-se ao Glossário de Termos do Discurso (2001, *apud* Guimarães, 2020), que define o enunciado como a unidade constitutiva do discurso pela qual se pode identificar as diferentes posições assumidas pelo sujeito. Logo, “o enunciado, enquanto fragmento de um texto, por si só não é suficiente para a compreensão dos sentidos que poderá produzir. Para tal, é necessário analisá-lo a partir da relação com a formação ideológica, com a formação discursiva e, também, com a posição-sujeito” (Guimarães, 2020, p. 79).

Ainda, na concepção da AD, segundo Guimarães (2020), o enunciado necessariamente diz respeito a determinadas condições de produção do discurso, atravessando a interpelação ideológica pela qual o indivíduo é assujeitado, a formação discursiva com a qual se filia e a posição-sujeito pela qual se identifica. Somando o que diz Pêcheux ([1975], 1997, p. 161 *apud* Guimarães, 2020, p. 80), observa-se que,

No tocante da formação ideológica, o enunciado é produzido como o efeito de evidência determinado pela interpelação ideológica. Na formação discursiva, as palavras ou expressões, presentes num enunciado, produzem sentidos na relação com as demais palavras, expressões da mesma formação discursiva, o que caracteriza a paráfrase da formação discursiva dominante.

Deduz-se que tais premissas podem fundamentar o argumento mencionado de não responsabilidade absoluta do sujeito acerca das representações. Centrado nessa questão, Pinto (2002) aponta que a problemática do sujeito busca, portanto, responder a quem se deve atribuir a responsabilidade das representações reconhecidas em um texto. Diante disso, o autor aproxima-se dos estudos de enunciação. Segundo ele, na AD cada texto pertence a um gênero de discursos e, para cada gênero, determina-se um “dispositivo de enunciação”. Esse último, por sua vez, corresponde às “diferentes maneiras de construir a representação de uma

determinada prática social ou área de conhecimento propostas pelos sujeitos que aparecem nos textos e que são assumidas ou não pelos participantes do evento comunicativo em curso” (Pinto, 2002, p. 32).

Nesse sentido, o pesquisador inclui à discussão três definições de sujeito: o do enunciado, o da enunciação e o falado. Ele descreve que o sujeito do enunciado equivale ao narrador/emissor/sujeito empírico, que aparece como, justamente, o responsável pelo enunciado (texto material/produto cultural produzido pelo ato de enunciação). Para explicar a segunda definição, Pinto (2002, p. 35, grifo do autor) pormenoriza:

O conjunto dos enunciadore com os quais o emissor – o significante ‘eu’ de um texto verbal – se identifica define a sua imagem ou lugar enunciativo, que é o sentido que o próprio emissor reivindica para si mesmo com o texto, e que é costume, desde a obra de Émile Benveniste, denominar sujeito da enunciação, ou apenas enunciador. Esta imagem ou lugar enunciativo que define o sujeito da enunciação ou enunciador inclui tanto a imagem que o emissor faz de si mesmo, quanto a imagem que faz do ‘mundo’ ou universo de discurso em jogo.

Ainda em referência à mesma obra, Pinto (2002) completa o seu argumento com o conceito de sujeito falado, que, por sua vez, corresponde à imagem ou lugar que o(s) coemissor(es) assume(m) ao se reconhecer(em) nos enunciadore a ele(s) atribuídos pelo emissor. Em síntese, o autor completa que os três tipos de sujeito descritos tratam-se de uma forma cômoda de se explicitarem os diferentes posicionamentos, posições, lugares ou discursos que se tecem nos textos. Nesse sentido, o autor apreende a noção de sujeito como equivalente à ideia de contemplar os indivíduos como “seres de papel” ou papéis, que se constituem em lugares de identificação.

Retomando a questão do dispositivo de enunciação, Pinto (2002) aponta que ele abrange, portanto, a relação que o texto propõe entre enunciador e coenunciador, ao passo que figura como o lugar onde se manifestam as relações de

saber e poder. O autor encerra o seu raciocínio sobre o tópico inferindo que essa relação pragmática tem papel fundamental no estabelecimento ou reprodução das relações e identidades sociais pelos discursos.

4 O SUJEITO DA/EM COMUNICAÇÃO

Uma reflexão sobre o conceito de sujeito, para Althusser ([1970], 1996 *apud* Alquatti, 2020), pode ocorrer através da ilustração da cena exemplificada pelo chamado policial, caracterizado pelo *Ei, você aí!* – ação que reconhece e assegura a realidade daquele que pode enunciar *Sim, sou eu mesmo*. Quanto a isso, acrescenta: “presumindo-se que a cena teórica que imaginei aconteça na rua, o indivíduo chamado se voltará. Por essa mera virada física de 180 graus, ele se torna sujeito” (Althusser, 1985, p. 97 *apud* Campos e Alquatti, 2020, p. 283). Introduzindo-se a relação entre sujeito e ação, passa-se à apreensão da noção de “sujeito da/em comunicação”.

Sobressaindo à compreensão do papel passivo/apassivado dos indivíduos, França (2006) infere que pensar, especificamente, o “sujeito da comunicação” propõe considerar também o papel ativo dos indivíduos na produção e recepção das formas discursivas. Ao argumentar que o sujeito se constitui, portanto, no âmbito de uma ação, França (2006, p. 1) indaga e complementa: “qual é a ação que constitui o sujeito da comunicação? A identificação de uma ação específica caracterizadora de tal sujeito provoca dúvidas e ambiguidades; sentidos e usos diferentes se superpõem, tornando impreciso o alcance do sujeito”.

Segundo a autora, esse sujeito pode ser emissor, receptor, produtor de linguagem, leitor, consumidor, sujeito social – uma diversidade de conceitos que trazem possibilidades e limites. Neste artigo, haja vista o objetivo de destacar leituras que se aproximam da AD, serão considerados dois possíveis

atravessamentos: a articulação do “sujeito da/em comunicação” às perspectivas de França (2006) de “sujeitos do discurso” e “sujeitos em relação”.

A autora, ao considerar as teorias da linguagem, descreve que a ação do sujeito do discurso concerne à sua relação com o produto discursivo e com a dinâmica de produção e/ou interpretação de sentidos. De acordo com França (2006), abordagens orientadas pela AD, principalmente de tradição francesa, buscam, ao considerar os textos midiáticos, ultrapassar tanto uma leitura imanente quanto uma leitura puramente externa acerca deles, ao passo que os colocam no cruzamento entre condições de produção e condições de reconhecimento. Isso posto, constata-se que “os textos refletem os modelos interativos dentro dos quais se inserem, e trazem vestígios do seu processo produtivo (que dizem do posicionamento dos emissores e mas também aqueles que dão conta de seus efeitos possíveis)” (França, 2006, p. 7). Por conseguinte, a autora deduz que é nessas interações que se constituem os sujeitos:

O sujeito da comunicação é um sujeito social; ele é também, indubitavelmente, um enunciador de discursos ou um leitor de textos. Mas ser sujeito da comunicação ou em comunicação significa algo mais específico, e nomeia um sujeito enredado numa teia de relações. São as relações que constituem esse sujeito – a relação com o outro, a relação com a linguagem e o simbólico (França, 2006, p. 12).

Para França (2006), a abordagem comunicacional busca desvelar, nos fenômenos sociais, a presença da comunicação enquanto momento constituidor – afinal, as relações comunicativas são estabelecidas pelas práticas simbólicas. Ao priorizar essa interação, a autora a toma como pressuposto para buscar nela uma chave analítica que possa orientar certas compreensões. “Isto significa ir além da identificação das marcas do social nos textos, ir além da natureza social do sujeito – e analisar o cerne da relação, a força que coloca os sujeitos ou interlocutores

produzindo sentido, sendo afetados pelo outro e pelo ‘terceiro’ (o social)” (França, 2006, p. 19).

A autora faz menção a Mead (1993), que, de forma análoga, infere que os indivíduos e a sociedade se constituem mutuamente, pelas ações reciprocamente referenciadas/interações, baseadas em gestos significantes e na retroatividade de estímulos e reações. “Mead entende a linguagem como parte do processo social, e é através dela que nós não apenas afetamos o outro, mas nos afetamos a nós mesmos, intervindo nessa situação social graças à compreensão do que dizemos” (França, 2006, p. 13). A partir disso, Mead (1993), na leitura de França (2006), ressalta, inclusive, a possibilidade de se conceber ajustes recíprocos de comportamentos através da presença do simbólico (linguagem) e do exercício da consciência de si/conduta reflexiva.

Considerando os aspectos descritos, França (2006) reconhece os sujeitos em interação como os sujeitos em comunicação – isto é, um sujeito que produz gestos significantes para afetar o outro, sendo antecipadamente afetado pela provável e futura afetação desse outro. Essa questão infere, segundo ela, uma situação de copresença e mútua afetação, experienciada diante da materialização de formas simbólicas (gestos significantes). Logo, em sua perspectiva, “os sujeitos aqui ganham uma nova natureza: são constituídos na relação e pela presença do um e do outro, a partir da capacidade de construção de gestos significantes e de projeção dos movimentos e expectativas recíprocas” (França, 2006, p. 14).

França (2006, p. 17) percebe nesse contexto uma aproximação maior com a especificidade que sugere a expressão “sujeito da comunicação” – equivalente à “sujeitos interlocutores, inscritos numa estrutura comum (um contexto institucional), mas, sobretudo, sujeitos em experiência, afetando e sendo afetados tanto pela co-presença como pela mediação simbólica que os institui em pólos de uma

interação”. A proposta da autora compreende a abordagem comunicacional como interessada no imbricamento entre o movimento do social que internaliza e conforma o texto e o texto que se externaliza e modifica o campo do social e da cultura.

O objetivo da abordagem comunicacional, para França (2006), é apreender as relações comunicativas – estabelecidas pelas práticas simbólicas – como um espaço passível de agenciamento e escolha, que gera um embate de forças – embate que caracteriza a experiência comunicativa. Isso corresponde, de acordo com ela, a colocar a interação como pressuposto. Diante disso, concebe-se que “tomar a interação como pressuposto é mais que analisar suas formas, é a analisar a comunicação como lugar de força - como lugar, espaço ou forma que suscita a ação (intervenção) e permite / acolhe a mudança (o imprevisível)” (França, 2006, p. 19).

Nesse sentido, para França (2006), a ação que constitui os sujeitos da comunicação é mais do que a ação de produzir e receber discursos, mas é menos do que a sua ação no mundo. Desse modo, infere que “é a ação de afetar e ser afetado pelo outro através de materiais significantes. É produzir /consumir discursos, representações, sentidos para e em decorrência do outro – e sofrer, junto com ele (embora não necessariamente igual a ele), as conseqüências” (França, 2006, p. 19). Isso posto, a pesquisadora remata que analisar os sujeitos em comunicação não se trata da análise de um texto ou da caracterização de um sujeito, mas do movimento dos textos (narrativas, discursos, representações) no contexto das interlocuções – o que salienta a relação entre sujeitos do discurso, sujeitos em relação e, diante disso, sujeitos da/em comunicação.

Neste artigo, reconhece-se que a ideia de investigar o sujeito da/em comunicação a partir de uma fundamentação da AD se trata de uma proposta com notável capacidade criativa. Isso se explicita através do que argumenta França (2006, p. 5) sobre a apreensão das teorias da linguagem: “conceitualmente, em

vários autores a articulação produção-recepção está colocada, mas sua operacionalização voltada para uma abordagem comunicacional ainda é pouco clara ou desenvolvida”. Isso porque, como evidencia Hall (1996 *apud* França, 2006), nessas abordagens é preciso considerar as extensas diferenças de relação e posição estrutural entre produtores e receptores. O autor, mencionado por França (2006), reforça a importância de se observar a falta de equivalência entre os dois lados da troca comunicativa – que indica a autonomia relativa dos polos, mas, junto a isso, a força da dominação inscrita nos produtos. A autora complementa com a ideia de que a diversidade teórica que compõe enfoques como esses faz com que qualquer generalização seja perigosa. À vista disso, finaliza-se constatando a fertilidade da proposta de investigação, tanto no sentido de ser considerada produtiva quanto no entendimento de permanecer passível de desenvolvimento.

5 CONCLUSÃO

Através do exposto, verifica-se a vastidão e a pertinência teórica do que pode ser extraído da apreensão do conceito de sujeito e da sua relação com a área da Comunicação a partir da perspectiva da AD. Por meio deste trabalho, desenvolveu-se uma discussão que trouxe profundidade à temática proposta, cumprindo o objetivo de alargar a noção de sujeito e de investigar quem é o sujeito da/em comunicação segundo a leitura da AD. Constituindo-se como um material que perpassa prismas relevantes para a fundamentação da discussão apresentada, este estudo figura como um potencial embasamento inicial para a elaboração da pesquisa correlata subsequente – descrita na Introdução –, bem como aparece como uma possível contribuição para qualquer investigação que se detenha sobre aspectos da temática abordada.

Submissão: 17/07/2026

Aceite: 15/09/2026

Editora responsável pela avaliação: Beatriz Amália Albarello

Editora de Leitura: Beatriz Amália Albarello

Copyright © 2026 Silva. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição, que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o artigo original seja devidamente citado.

Valendo-se de pesquisas próximas ao escopo central, o artigo reuniu as contribuições feitas por Alquatti (2020), Campos e Alquatti (2020), Pruinelli (2020), Guimarães (2020), Pinto (2002) e França (2006). Diante dessas referências, pode-se compreender que o verbete “sujeito” possui diversas possibilidades de percepção, cada qual com as suas dimensões e particularidades. Neste itinerário sobre o termo, optou-se por relacioná-lo às perspectivas discursivas – ancoradas no materialismo histórico, na psicanálise e na linguística –, bem como aos prismas dos estudos de enunciação e do interacionismo simbólico, perpassando diferentes e relevantes noções. Isso possibilitou a observação de que, para dar conta dos gestos de interpretação que envolvem o ser e o dizer, faz-se importante considerar e articular distintas definições e interpretações.

Ainda, constatou-se a apreensão da temática como envolta por uma potente capacidade criativa e produtiva, o que explicita a sua disponibilidade para maiores investigações e realça a sua contemporaneidade. Reforçando o termo “sujeito” como um importante conceito para a articulação de modos de operar analiticamente uma pesquisa, fortalece-se também a importância de esmiuçá-lo progressivamente nos estudos da área da Comunicação.

REFERÊNCIAS

ALQUATTI, R. Assujeitamento. In: LEANDRO-FERREIRA, M. C. (org.). **Glossário de termos do discurso**: edição ampliada. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 33-38.

CAMPOS, L. J.; ALQUATTI, R. Sujeito. In: LEANDRO-FERREIRA, M. C. (org.). **Glossário de termos do discurso**: edição ampliada. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 281-285.

FRANÇA, V. Sujeito da comunicação, sujeitos em comunicação. In: GUIMARÃES, C.; FRANÇA, V. (org.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 61-88. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Vera-Franca/publication/266465045_Sujeito_da_comunicacao_sujeitos_em_comunicacao/links/59bfc4d90f7e9b48a29b869d/Sujeito-da-comunicacao-sujeitos-em-comunicacao.pdf. Acesso em: 1 maio 2026.

GUIMARÃES, G. T. D. Enunciado. In: LEANDRO-FERREIRA, M. C. (org.). **Glossário de termos do discurso**: edição ampliada. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 79-82.

PINTO, M. J. **Comunicação e discurso**: introdução à análise de discursos. São Paulo, SP: Hacker Editores, 2002.

PRUINELLI, A. M. Formação discursiva. In: LEANDRO-FERREIRA, M. C. (org.). **Glossário de termos do discurso**: edição ampliada. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 115-119.

The subject of/in communication: a reading grounded in Discourse Analysis

ABSTRACT

This article investigates who the subject of/in communication is from a perspective grounded in Discourse Analysis. Its objective is to discuss the concept of the subject and its articulation with the field of Communication, bringing it into dialogue with theories of language, enunciation, and symbolic interactionism. This is a theoretical study developed through a literature review, which highlights the subject as a discursive, historical, and ideological construct constituted through symbolic relations and processes of meaning production. It concludes that the dialogue between Discourse Analysis and Communication Theory broadens the understanding of the subject of/in communication and provides theoretical and conceptual foundations for research concerned with communication processes.

Keywords: Communication. Subject. Discourse Analysis. Theory of Enunciation. Symbolic Interactionism.

El sujeto de/en la comunicación: una lectura fundamentada en el Análisis del Discurso

RESUMEN

Este artículo investiga quién es el sujeto de/en la comunicación a partir de una lectura fundamentada en el Análisis del Discurso. El objetivo es discutir el concepto de sujeto y su articulación con el campo de la Comunicación, poniéndolo en diálogo con las teorías del lenguaje, de la enunciaci3n y del interaccionismo simb3lico. Se trata de una investigaci3n te3rica, desarrollada mediante una revisi3n bibliogr3fica, que pone de relieve al sujeto como una construcci3n discursiva, hist3rica e ideol3gica, constituida en las relaciones simb3licas y en los procesos de producci3n de sentido. Se concluye que la interlocuci3n entre el Análisis del Discurso y la Teoría de la Comunicaci3n amplía la compresi3n del sujeto de/en la comunicaci3n y ofrece fundamentos teórico-conceptuales para las investigaciones interesadas en los procesos comunicacionales.

Palabras clave: Comunicaci3n. Sujeto. Análisis del Discurso. Teoría de la Enunciaci3n. Interaccionismo Simb3lico.

Recebido em: 17/07/2026

Aceite em: 15/09/2026

Submiss3o: 17/07/2026

Aceite: 15/09/2026

Editora respons3vel pela avalia3o: Beatriz Am3lia Albarello

Editora de Leitura: Beatriz Am3lia Albarello

Copyright © 2026 Silva. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribui3o, que permite o uso irrestrito, a distribui3o e reprodu3o em qualquer meio, desde que o artigo original seja devidamente citado.